



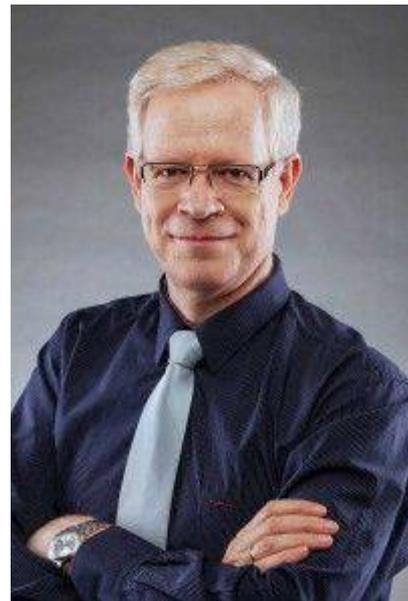
PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista Prof. Marcos Meier – Pais separados e a criança

A separação é um processo delicado para o casal e para as crianças. Devemos lembrar que os pequenos absorvem todas as emoções a sua volta, percebem a alegria, a tristeza, a ansiedade e a insegurança, por esse motivo é necessário cuidar e preservar o bem estar físico e emocional dos filhos.

Para que as crianças cresçam em um ambiente harmonioso, seguro e tranquilo após a separação de seus pais, conversamos com o educador, psicólogo, escritor e palestrante, Prof. Marcos Meier, com a articuladora nos conselhos e fóruns de direitos da criança e do adolescente, a Maristela Cizeski e com a Irmã Veroni Medeiros, assessora técnica de desenvolvimento infantil da Pastoral da Criança.



Professor Marcos Meier, em caso de pais separados, como fica a relação pais e filhos?

A dica para os pais é tentar manter uma rotina. Por exemplo, todo sábado ou todo domingo você fica com o teu filho, vai visitá-lo. Se acontecer um imprevisto e não der certo nessa semana, você deve ir na outra. Aproveite esse tempo com o seu filho para brincar, conversar, bater papo, sair para fazer um passeio ou curtir o dia com ele em casa. Se a criança usar esse momento para jogar videogame, não precisa dar bronca ou ficar bravo, vai lá e pede para jogar junto, para ela te ensinar. A interação com o seu filho deve ser muito boa, mesmo que vocês não morem mais juntos.

Devemos sempre cuidar para não falar mal da mãe ou do pai. Porque, quando o pai fala mal da mãe e vice e versa, se destrói a imagem materna ou paterna

e mais tarde, essa criança vai ter dificuldade em receber e dar carinho e até mesmo, se tornar mais agressiva. Então, é preciso ter cuidado com essas coisas.

O que fazer quando o novo companheiro ou companheira tem dificuldades de aceitar os filhos do relacionamento anterior?

Infelizmente, esses são casos bem comuns e vale muito a pena falarmos sobre eles. Temos de ter sempre em mente que agora você é padrasto ou a madrasta e tem responsabilidades sobre essas crianças e deverá equilibrar a balança com afeto e autoridade.

É claro que você não vai passar por cima da autoridade da mãe ou do pai biológico. Mas, se você vive naquela casa e no dia a dia você tem contato com aquela criança, você tem mais responsabilidade em relação ao afeto e a autoridade do que o pai ou a mãe biológico(a). Assim, você passa a ser um pai/mãe de verdade. Lembre-se que também não tem problema se a criança não te chamar de pai/mãe. Deixe ela te chama de tio(a), de senhor ou senhora ou até pelo seu próprio nome, por exemplo: “Marcos, posso fazer isso, posso fazer aquilo”. Mas, você deve conversar com ela como se você fosse pai/mãe. Sem obrigar ela a falar isso. Mais tarde, essa criança vai perceber o quanto você foi legal na vida dela e vai ser muito grata.

Quando falta esse pai, Prof. Marcos, o avô ou o tio podem substituí-lo, não é?

A figura masculina pode, sim, ser substituída pelo avô, por um tio ou por um amigo. Só que às vezes, a mãe cria o filho sozinha, não tem figura masculina e nós ficamos pensando no que pode acontecer e a resposta é: Nada. Não tem problema. Desde que a mãe faça o que precisa ser feito, exerça autoridade, tenha muito carinho com os filhos e fale para as crianças de uma forma positiva sobre essa figura, como: “Seu pai não pode estar aqui, ele teve de ir embora, mas é uma boa pessoa e foi alguém com quem eu me envolvi no passado”, tudo bem. Assim ela forma uma imagem positivo na cabecinha da criança que mais tarde vai servir como uma força para ela. Agora, se mãe só fica falando mal do pai e até mesmo, xinga ele na frente do filho, essa criança vai ter dificuldades nas suas relações futuras e nas suas emoções. Então, é muito importante não denegrir a imagem do pai. O mesmo vale para os pais, não se deve denegrir a imagem da mãe. Mais tarde, quando a crianças já for

adulta e mais madura, você pode sim falar a verdade e contar o que acontecer.

Prof. Marcos, que dicas o senhor tem para que as crianças, mesmo com os pais separados, possam se desenvolver de modo equilibrado?

As crianças têm a tendência de se sentirem culpadas pela separação, isso já foi até comprovado pela psicologia. Nesses casos em que a criança acha que é culpada, é preciso que os pais verbalizem, falem para ela, que amam muito ela e expliquem a situação, por exemplo: “Filho(a), deixa eu te contar uma coisa, o teu pai e a tua mãe, nós dois, a gente se amava muito e aí teve você. Você é fruto de um amor muito legal. Com o passar do tempo, a gente foi se distanciando e tal e vimos que não vamos mais continuar juntos. Mas, a gente ama você. Você não tem culpa, essa foi uma decisão nossa e a partir de agora, a gente vai se separar, mas você vai continuar sendo nosso filho amado para o resto da vida”. Essa é a mensagem que os pais devem passar. Fale com as suas palavras, com o seu jeitinho, mas você precisa dizer e transmitir isso para a criança.

Muitos casais que estão se divorciando, ficam receosos quanto ao relacionamento com as crianças depois da separação e desejam entender mais sobre a guarda compartilhada que desde 2014 é regra no Brasil. Sobre isso, conversamos com articuladora nos conselhos e fóruns de direitos da criança e do adolescente, a Maristela Cizeski.



A guarda compartilhada é aquela que envolve presença constante do pai e da mãe. O próprio nome já diz que ela é compartilhada e isso significa que a criança não é filha só do pai ou só da mãe, ela é filha dos dois, do casal seja ele hetero ou homoafetivo. O casal se separa, a criança não. Então, existe essa guarda que é compartilhada com os responsáveis, tanto no amor, na dor,

quanto em todos os aspectos da criança e isso promove o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Participa também do programa, a assessora técnica do desenvolvimento infantil da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança. Ir. Veroni Medeiros, como os pais ainda que separados podem ser bons pais?

A separação não impede que os dois continuem a ser bons pais para a criança. Na separação do casal, eles não se ocupam mais um do outro, mas continuam a se ocupar dos filhos, na educação, no afeto e nos limites, para que as crianças cresçam com autonomia, segurança e equilíbrio emocional. Sabemos que podem existir ex-marido, ex-mulher, ex-sogra, ex-cunhada e afins, mas, nunca existirá ex-filho. O filho é para sempre e você vai ser sempre pai ou mãe.



Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1356 - 25/09/2017 – Pais separados e a criança